

Anjos da noite

Varios sêres em roda em volta da mesa
Martelam suas cruces com o copo de cerveja
Aputa, o louco entre outros heróis do poeta

Inexpressivos passivos em transe na cena:
C'olho fundo disfarçando a mão trémula
Sombras reclusas do resto da noite.

Clichés da folclórica prole da rua
Com o escudo da farsa escondem a derrota
Nas manhas e credos, mentiras de açoite.

Pois que a miséria bota raiz tão profunda
E tanto e a ponto de confundir a memória
Que a dor vira orgulho da vida de errante.

Ah! Sempre ela! A eterna miséria!
Esse fel que é bandeira desfraldada
Venerada e amada corrente!

Um a um assumem os sonhos o tom de demência
Escorrendo na areia do tempo que passa,
E no peito se afundam até não sobrar nada...

São loucos e putas e mendigos de asas
Marcados a força por ferro em brasa e
Sorriem! E a ardência dos cravos, resistem.

Não, não os culpem pela franca displicência,
Com as responsabilidades inerentes a uma "vida digna"
Quando casa passo custa pesos e ausências.
São escravos e martires, mas nunca ovelhas.
Livres talvez apenas no impacto da rebordosa
Permitem que sua dor traga ao mundo, beleza.

Autor: Filipe Borges